

Contribuições da

Diáspora Africana na Cultura Brasileira

Volume 1:

Sugestões e inspirações para educadores



Chiara Santos, Christiane Ayumi Kuwae,
Luana Villas Boas Fernandes

Contribuições da

Diáspora Africana na Cultura Brasileira

Volume 1:

Sugestões e inspirações para educadores



SEDUC
Secretaria de
Estado da Educação



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Chiara

Contribuições da diáspora africana na cultura brasileira [livro eletrônico] : volume 1 / Chiara Santos, Christiane Ayumi Kuwae, Luana Villas Boas Fernandes. -- Goiânia, GO : Ed. das Autoras, 2021. -- (Sugestões e inspirações para educadores ; 1)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-55951-4

1. Antirracismo 2. Arte - Educação 3. Cultura brasileira 4. Diáspora africana 5. Prática de ensino 6. Prática pedagógica 7. Professores - Formação I. Kuwae, Christiane Ayumi. II. Fernandes, Luana Villas Boas. III. Título. IV. Série.

22-134620

CDD-370.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e cultura 370.9

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Contribuições da

Diáspora Africana na Cultura Brasileira

Volume 1:

Sugestões e inspirações para educadores



**Chiara Santos
Christiane Ayumi Kuwae
Luana Villas Boas Fernandes**

**IPEARTES/SEDUC
2022**

Governo do Estado de Goiás

Ronaldo Ramos Caiado

Secretaria de Estado da Educação

Aparecida de Fátima Gavioli Soares Pereira

Subsecretaria de Execução da Política Educacional

Helena da Costa Bezerra

Superintendência de

Desporto Educacional, Arte e Educação

Marco Antônio Santos Maia

Gerência de Arte Educação

Luz Marina de Alcântara

Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte

Eliza Rebeca Simões Neto Vazquez

IPEARTES

Coordenação pedagógica

Luana Villas Boas Fernandes

Representantes locais

José Estevão Rocha Arantes (2016 a 2019)

Christiane Ayumi Kuwae (2019 a 2020)

Rejane Kelly de Lacerda (2021 a 2022)

André Aimura (2022)

Corpo Editorial

Autoras

Chiara Santos

Christiane Ayumi Kuwae

Luana Villas Boas Fernandes

Frente de Educação em Direitos Humanos -

Projeto Ipeartes - 2021/2

Bruno Berê

Chiara Chistina Santos de Miranda Rodrigues

Christiane Ayumi Kuwae

Maria Helena dos Anjos

Fábio Rodrigues Diniz

Ilustrações

Aissi K. Silva

Projeto Gráfico e Diagramação

José Francisco Machado Alecrim

Revisão Ortográfica

Gismair Martins Teixeira

Introdução



**“Permita que eu fale,
E não as minhas cicatrizes**

Elas são coadjuvantes,
Não, melhor, figurantes,
Que nem devia tá aqui

**Permita que eu fale,
E não as minhas cicatrizes**

Tanta dor rouba nossa voz,
Sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí.

**Permita que eu fale,
Não as minhas cicatrizes**

Se isso é sobrevivência,
Me resumir à sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi

**Por fim, permita que eu fale,
E não as minhas cicatrizes**

Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz
E fazer nós sumir.”



**Para que amanhã não
seja somente um ontem
com um novo nome** ∞*∞



Superar o **racismo** que afeta tão negativamente a vida de milhões de pessoas só será possível com o envolvimento da **educação**. Não é intensificando a punição de quem tem comportamentos racistas que impediremos a perpetuação dessa dinâmica. É promovendo práticas de **educação antirracista**, evidenciando as contribuições históricas e atuais do povo negro e estabelecendo novas formas – principalmente mais respeitadas e humanizadas – de nos relacionarmos enquanto seres sociais que somos, desde a infância e ao longo da vida.

Dia **20 de novembro** é o “**Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra**”, instituído pela Lei nº 12.519 de 2011. Na educação, trabalhar com as questões raciais entrou para o currículo escolar pela Lei nº 10.639 de 2003. O tema “**História e Cultura Afro-Brasileira**” é componente curricular obrigatório das escolas brasileiras.

Apesar da legislação garantir este espaço, o como trabalhar este tema é bastante complexo. Sabemos que é ineficiente concentrar apenas em uma data as ações que visem a conscientização sobre estas questões; no entanto, é importante usá-la. Reconhecer as contribuições




da **diáspora africana** na constituição da cultura brasileira é um primeiro passo para construirmos ações educativas sobre as questões raciais e étnicas nas escolas.

E por mais importante que seja compreender o que foi este episódio da nossa história, falar somente da **escravidão** não é o único, nem o melhor caminho para tratar das relações raciais na escola. Você pode imaginar o quanto é doloroso para as pessoas negras verem estas dores profundas sendo expostas sem receber empatia? Isso gera impactos muito negativos **nos/as estudantes negros/as**.

A **escravidão** é uma parte (importante) da história, mas ela **não se resume a isso**. A cultura egípcia, o nascimento da matemática ocidental, astronomia ocidental, a perfumaria e a invenção do papel são, entre outras, contribuições africanas.

Saiba mais a história do continente africano e sobre os Reinos Africanos

 https://www.youtube.com/watch?v=-dlWDqETvUjo&ab_channel=MultiRio



O apagamento das **contribuições do povo negro** e o desconhecimento da história dos países africanos fazem parte de uma visão racista da história ocidental, que é eurocentrada. Por exemplo, quando falamos de antiguidade, é comum abordar Egito juntamente com Grécia e Roma, como povos do mediterrâneo, como se o Egito não se localizasse no continente africano. Se refletirmos sobre isso e no que aprendemos sobre a **história do Brasil**, percebemos que também reproduzimos esta perspectiva.

Portanto, antes de entrar neste assunto, precisamos estimular conexões respeitadas, trazer consciência sobre a história, a cultura e as contribuições da **população negra**, de forma transversal e conectada com os demais conteúdos, ampliando o olhar sobre as possibilidades de abordar este componente curricular para além do mês de novembro ou restrito ao dia 20.

Ao longo das muitas experiências educativas do **IPEARTESES-SEDUC**, aprendemos que a **empatia** é um valor que impulsiona e frutifica as ações de educação em direitos humanos e que ela é mais sensível se parte da valorização das



qualidades dos sujeitos. Por isso é tão importante que estas ações de educação partam de um novo olhar sobre as questões raciais na nossa cultura.

Esta sequência de material busca justamente dar este suporte para os educadores aprofundarem suas reflexões e construir suas aulas.



**‘Permita que eu fale, não
as minhas cicatrizes’**



Pensar em práticas **antirracistas** no ambiente escolar pode parecer algo complicado a princípio, porque é um desafio para **nós educadores** que sentindo esta complexidade, mas sem apoio, podemos nos sentir perdidos de como fazer. Mas se compreendemos que o objetivo maior é promover respeito, empatia e inclusão, de forma a tornar a escola um lugar mais agradável a todos/as que a constituem, percebemos o quanto **isso se faz necessário**. E dá para fazer isso de forma leve, divertida, que promova **encantamento, orgulho e pertencimento** aos/às estudantes e professores/as envolvidos/as.

Neste momento de pandemia, onde muitas transformações aconteceram num curto espaço de tempo e foi preciso muito esforço para conseguir ir se adaptando num cenário de muitas incertezas, voltamos a nos encontrar com os/as estudantes que, assim como nós, estão mudados. Somos seres capazes de evoluir através das mudanças, mas a pandemia mundial do **Covid-19** e seus desdobramentos tem realmente exigido muito de todos/as nós.



A população negra tem sido a mais afetada nas crises que se estabeleceram ou se agravaram durante a pandemia e, mais uma vez, tem os maiores índices de mortalidade, contaminação pelo **Covid-19**, desemprego, endividamento, violência e adoecimento psicológico (DAVID, 2020). Ao mesmo tempo, é esta parcela da nossa sociedade que tem dado **exemplos de solidariedade e auto-organização** em campanhas como **“Mães da Favela”** e **“Tem gente com Fome”**, protagonizadas por pessoas e **organizações negras** e que tem levado alimentos às famílias que perderam a renda e não têm conseguido acessar o direito humano à alimentação de outra forma.

O Projeto Mães da Favela, criado pela Central Única das Favelas (CUFA) consiste em auxiliar mães “solo” moradoras de favelas de 17 estados e do Distrito Federal atingidas pelos impactos da COVID-19, e faz parte do programa CUFA contra o Vírus. Atende 5.000 favelas e mais de 3 milhões de famílias brasileiras

Quer saber mais sobre a CUFA e como isso se dá na prática, click e acesse:

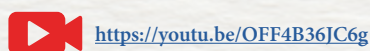


<https://www.maesdafavela.com.br/>



“Se tem gente com fome, dá de comer” é uma iniciativa da Coalizão Negra Por Direitos, articulação que reúne 200 organizações, grupos e aliados do movimento negro brasileiro em todo o território nacional em parceria com a Anistia Internacional, Oxfam Brasil, Redes da Maré, Ação Brasileira de Combate às Desigualdades, 342 Artes, Nossas - Rede de Ativismo, Instituto Ethos, Orgânico Solidário, Grupo Prerrogativas e Fundo Brasil e atende famílias nas periferias, favelas, palafitas, comunidades ribeirinhas e quilombos em todo o território nacional.

Click para saber mais sobre o mapeamento das famílias, como doar ou se cadastrar



A saúde mental e emocional de estudantes, professores/as e de toda a comunidade escolar está fragilizada e tem sido desafiante refazer as conexões sem poder tocar, abraçar e encontrar livremente uns com os outros/as depois de tanto tempo longe. É um momento muito importante para repensar nossas práticas educativas e colocar em movimento os valores que nos motivaram a trabalhar com educação, transformando-nos para, através do nosso exemplo, inspirar nossos/as educandos/as.



É fundamental incluir práticas que incentivem a inclusão, o respeito à diversidade humana e à natureza, e que ajudem no desenvolvimento de **habilidades que estão sendo exigidas de nós** neste momento da história e que serão extremamente importantes a médio e longo prazo, como por exemplo a resiliência, a criatividade, a persistência, a fraternidade, o discernimento, a abertura ao novo, entre tantas outras, e que ajudem a fortalecer a autoestima, ações pautadas pela ética, estimulem a formação das redes de apoio e os/as inspire a seguir adiante.

Para construir um futuro no qual as relações sociais sejam mais justas e fraternas, precisamos nos esforçar para combater as desigualdades que ferem a dignidade humana. Para isso é urgente que a **escola** seja um lugar que acolha os sujeitos na sua diversidade e os valorize.

Para começar, precisamos falar sobre racismo e entender como ele ainda é presente no nosso cotidiano; para conseguirmos 'educar para nunca mais', precisamos primeiramente nos olhar e reconhecer como a nossa cultura está presente na forma como enxergamos e valoramos o mundo à nossa volta.



**É um mundo cão pra nós;
perder não é opção, certo?**



O passado da humanidade está repleto de histórias em que a busca por poder e riqueza levou a atos extremamente cruéis de povos que se viam como superiores - principalmente por conta da **cor da pele** - e por isso invadiram e exploraram indiscriminadamente aqueles que viam como **diferentes de si, pois os julgavam menos dignos** do mesmo tratamento que se dava aos seus semelhantes.

Este tipo de pensamento ainda permanece na atualidade, então é preciso lembrar suas consequências para que situações semelhantes não voltem nunca a acontecer. **É preciso “educar para o nunca mais”**.

A ideia de superioridade racial foi amplamente reforçada pelos europeus durante o período de colonização, não só do Brasil, mas também de vários outros países a fim de justificar o genocídio, escravização e exploração dos povos que já habitavam os locais “descobertos” e do tráfico de pessoas escravizadas.

Mesmo tendo o continente africano como berço da nossa civilização, nossas referências de conhecimento partem de uma visão eurocêntrica,



consequência direta da colonização que os povos deste continente promoveram ao redor do mundo. Isso definiu a forma como milhões de pessoas se veem, são vistas e tratadas pela sociedade, mesmo tantos anos após a tragédia que foi a escravização do **povo negro e dos indígenas**.

A ciência moderna já comprovou que o conceito de **raça não é uma categoria científica aplicável** para diferenciar seres humanos, logo a ideia de que existam “**raças superiores**” ou “**raças inferiores**” não se sustenta mais.

O termo raça tem uma variedade de definições geralmente utilizadas para descrever um grupo de pessoas que compartilham certas características morfológicas. A maioria dos autores tem conhecimento de que raça é um termo não científico que somente pode ter significado biológico quando o ser se apresenta homogêneo, estritamente puro; como em algumas espécies de animais domésticos. Essas condições, no entanto, nunca são encontradas em seres humanos. O genoma humano é composto de 25 mil genes. As diferenças mais aparentes (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz) são



determinadas por um grupo insignificante de genes. As diferenças entre um negro africano e um branco nórdico compreendem apenas 0,005% do genoma humano. Há um amplo consenso entre antropólogos e geneticistas humanos de que, do ponto de vista biológico, raças humanas não existem. (SANTOS et al, 2010, p. 122)

No entanto, o **racismo** é um fenômeno real e um fator estrutural da nossa sociedade que perpassa todas as relações pessoais, sociais, econômicas e ambientais. É uma realidade que dificulta o desenvolvimento de pessoas negras desde a infância e vai moldando as experiências, levando os sujeitos a uma percepção negativa de si e do mundo como um lugar hostil.

No passado, muitos estudos e teorias científicas foram utilizados para justificar a diferença de direitos concedidos às **pessoas brancas e pessoas negras** durante o período da **escravidão** e mesmo após a abolição. A continuidade da **negação** ao acesso à educação, terras e boas oportunidades de emprego fizeram com que a população negra tivesse menos acesso e oportunidades.



O Instituto Amma Psique e Negritude (2008) - que realizou uma pesquisa sobre os efeitos psicossociais do racismo - afirma que ainda que a pessoa negra conheça a discriminação desde seus primeiros anos de vida, o outro nunca a declara ou a reconhece. Esse apagamento do racismo e da naturalização dele como parte da cultura, muitas vezes reproduz experiências de rebaixamento que provocam o enfraquecimento da autoestima do sujeito que sofre com isso sem que o outro tenha sanções deste ato inadequado.

A exposição contínua a essas situações provoca o adoecimento físico e psicológico das pessoas negras, efeitos múltiplos de dor, angústia, insegurança, autocensura, rigidez, alienação, negação da própria natureza e outros, deixando marcas profundas na psique.

As consequências do racismo afetam negativamente o desenvolvimento intelectual, emocional e relacional dos/as estudantes, deixando marcas difíceis de serem apagadas, interferindo na forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo externo, ajudando a ampliar as desigualdades que caracterizam nossa sociedade.



Diante disso fica evidente a necessidade de adotar medidas mais eficazes de conscientização para mobilização de todos e todas para que essa realidade seja superada. É muito triste que convivamos ainda hoje com este tipo de pensamento que se manifesta transversalmente em nossas sociedades através de atitudes de desrespeito, violência e limitação de direitos de uma parcela significativa da população.

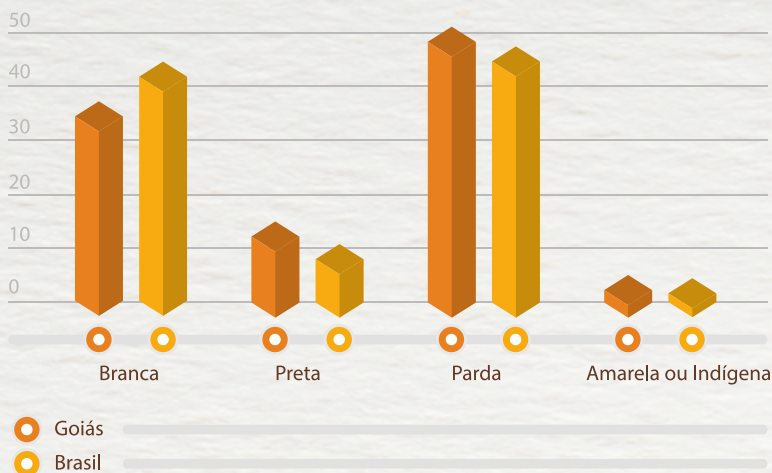
De acordo com o **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, um estudo sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, realizado em 2019, aponta que:

- **A população negra e parda (termo do IBGE para as diversas denominações de mestiçagem que temos no país) representa a maior parte da população brasileira. Em Goiás, somando as duas denominações de cor de pele autodeclaradas, esta parcela da população representa 61% e no Brasil 55,8%. Apesar de serem a maior parte da população, as desigualdades sobre acesso a educação, rendimento salarial e oportunidades de trabalho são evidenciadas nos dados abaixo da pesquisa.**



Composição da população por raça

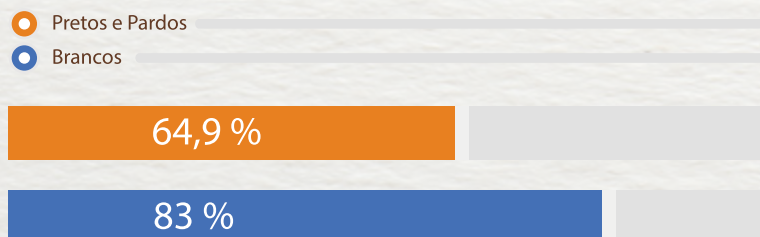
Fonte : IBGE, 2019



● Em Goiás, o percentual de jovens de 18 a 24 anos pretos ou pardos que estavam no Ensino Superior ou que já o concluíram na época da pesquisa era de 64,9%, mas entre os brancos esse percentual foi de 83%, ou seja, jovens brancos frequentavam mais a Universidade do que jovens negros e mestiços.

Jovens de 18 a 24 anos frequentando ou com o Ensino Superior concluído (2018)

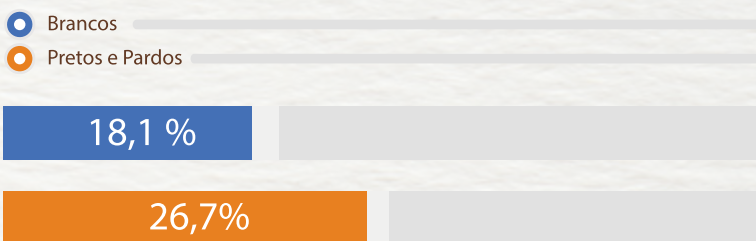
Fonte : IBGE, 2019



● Em Goiás, a porcentagem da população com menos de 11 anos de estudo foi maior entre negros e pardos (26,7%) do que entre brancos (18,1%), assim como a taxa de analfabetismo. Entre brancos, a taxa de analfabetismo foi de 3,7% e entre a população negra e mestiça goiana foi de 6,4%, ou seja, quase o dobro.

Porcentagem da População com menos de 11 anos de estudo em Goiás por raça (2018)

Fonte : IBGE, 2019



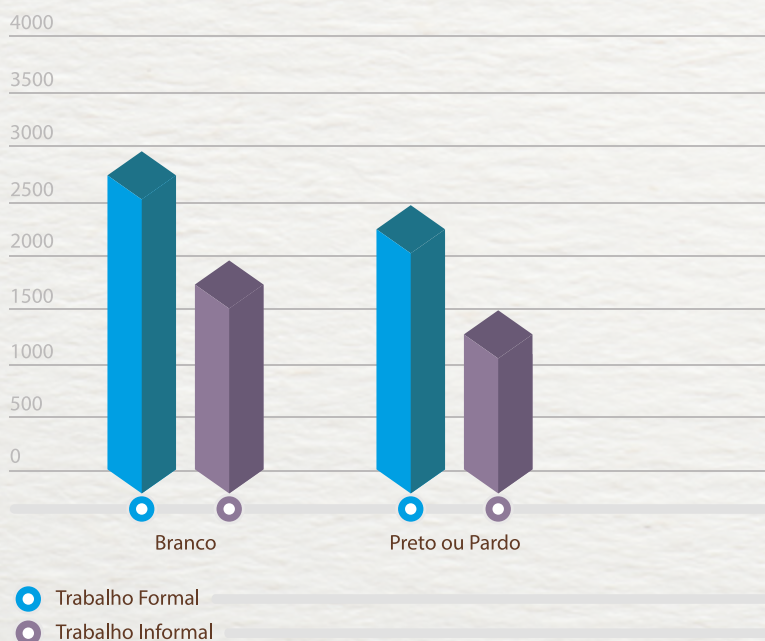
● Em Goiás, enquanto 37,1% dos trabalhadores brancos estavam em ocupações informais, entre os pretos ou pardos esse percentual era de 40,7%. Além da população negra e mestiça estar mais presente no trabalho informal, a média de rendimento deles é menor. Trabalhadores goianos brancos informais recebem em média R\$1.720,00, enquanto trabalhadores goianos negros e pardos informais recebem R\$ 1371,00.



● O rendimento médio dos trabalhadores brasileiros brancos era de R\$17,00 por hora, o dos pretos ou pardos foi de R\$10,10 por hora. Ou seja, trabalhadores pretos ou pardos receberam menos por hora trabalhada do que os trabalhadores brancos, independentemente do nível de instrução. Em Goiás, trabalhadores brancos recebem em média 30% a mais que os trabalhadores negros nos empregos formais.

Média da Remuneração em Goiás (2018)

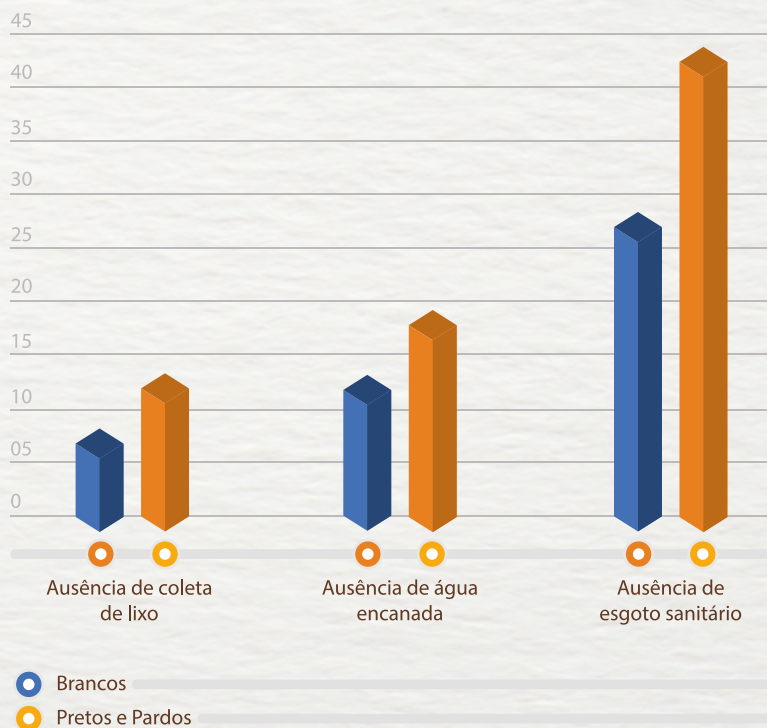
Fonte : IBGE, 2019



● A desigualdade também estava presente sobre as condições de moradia. Enquanto 44,5% da população preta ou parda vivia em domicílios com a ausência de pelo menos um serviço de saneamento básico (coleta de lixo, abastecimento de água, esgoto sanitário), entre os brancos, esse percentual era de 27,9%.

Ausência de acesso a serviços básicos de saneamento público (2018)

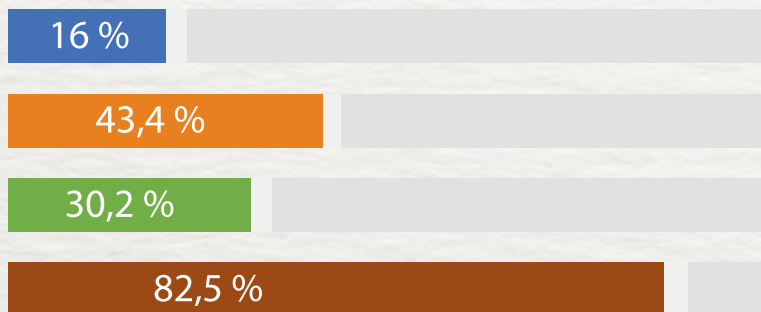
Fonte : IBGE, 2019



● Pretos ou pardos são mais atingidos pela violência em todos os grupos etários. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes para pretos ou pardos de 15 a 29 anos chegou a 98,5 em 2017, contra 34,0 para brancos. Para os jovens pretos ou pardos do sexo masculino, a taxa foi 185,0. Ou seja, a população negra tem 2,7 vezes mais chances de ser vítima de assassinato do que os brancos e se for homem e negro as chances sobem para 5,4 vezes mais chances.

Taxa de homicídio por 100 mil habitantes (2017)

Fonte : IBGE, 2019





fonte da imagem: <http://www.delivroemlivro.com.br>

*Indicamos a leitura do livro 'O ódio que você semeia' e o filme com mesmo nome que trata sobre esta temática. Na nossa seleção de músicas, **Solidão vira revolta**, do grupo **Obirin Trio**, é uma música que aborda a temática.*

- Também não há igualdade de cor ou raça na representação política, apenas 24,4% dos deputados federais, 28,9% dos deputados estaduais e 42,1% dos vereadores em exercício em 2017 eram pretos ou pardos.

À vista disso, focalizar a saúde mental, em meio à pandemia no país com a maior quantidade de pessoas que se autodeclaram pretas ou pardas fora do continente africano, exige a compreensão do



que o psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon apontou e o filósofo Achille Mbembe assevera: a colonialidade propõe uma dinâmica psicológica de morte em vida, na qual a vida estaria submetida ao poder da morte.

Essa dinâmica genocida está em curso no Brasil virulento, pois a população negra, além de sofrer com os maiores índices de morte por covid-19, é o grupo racial com maior exposição às formas de contágio, devido ao acesso precário a saneamento básico; trabalhadores(as) uberizados, moradias precárias, dificultadores de distanciamento social, entre outros. Tudo isso tem interferência direta na saúde mental dessa população, provocando medo, ansiedade, desânimo, exigindo processos de luto, entre outros efeitos/demandas psicossociais. (DAVID, 2020)

Click no link para saber mais sobre este assunto:



<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>



Infelizmente o racismo ainda está presente no nosso cotidiano e ainda não é possível deixar de se falar e trabalhar essa questão. O primeiro passo é admitir que todos e todas estamos inseridos numa **estrutura social racista**, logo temos pensamentos, sentimentos e atitudes racistas em determinados momentos e precisamos parar para avaliar e cuidar disso.

Esta maior vulnerabilidade de homens e mulheres negras apontadas no estudo acima deixam evidentes que a **cor da pele no Brasil é um fator que determina as possibilidades de vida diferentes** entre branco, pardos e negros. Como um problema social, este é um problema que não pode ser individualizado pois afeta a todos/as nós no nosso cotidiano. O que varia é como isso afeta a cada pessoa, e isso determina o lugar de fala de cada um/a.

O lugar de fala é um conceito evidenciado e desenvolvido por feministas negras de todo o mundo - como as americanas Bell Hooks, Angela Davis e Lorde e as brasileiras Lélia González, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro - que não se sentiam representadas pela universalização da categoria



mulher pelo feminismo tradicional devido à importância que **intersecções como raça, classe** e outras têm na experiência prática de cada uma.

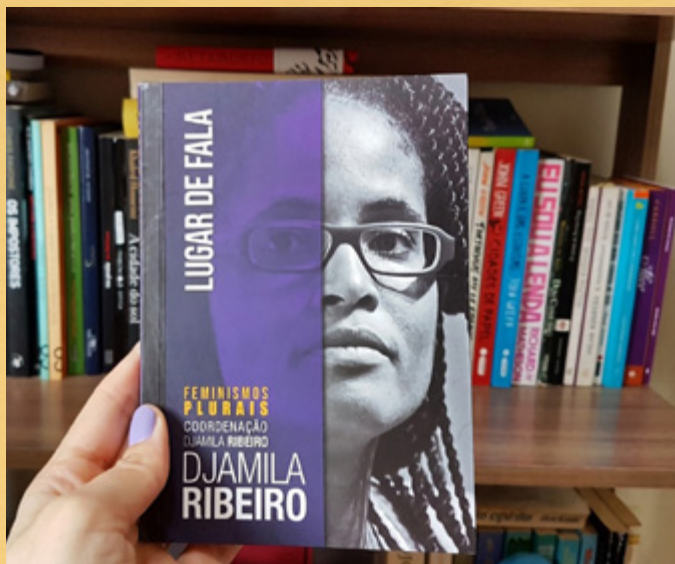
É uma tentativa de dar espaço a vozes que geralmente não são ouvidas nas discussões, nem sobre as próprias experiências. Entende que **grupos que socialmente sofrem opressões veem o mundo de uma forma diferente de pessoas socialmente privilegiadas**, por exemplo, então cada pessoa só deve falar do seu lugar social, enquanto o protagonismo fica com quem é diretamente afetado/a.

Isso não significa que quem não faz parte daquele grupo não pode expressar sua opinião, entretanto, o ideal é **abrir espaço para aprender, entender e respeitar o que aquele grupo está tentando dizer.**



Espectáculo Musical 'Vista a minha pele'. Ipeartes 2019





fonte da imagem: <https://sobrelivrosetraducoes.com.br/>

Conheça o livro "Lugar de Fala", escrito pela filósofa e ativista Djamilia Ribeiro, que compõe a coleção Feminismos Plurais, que ela também coordenou. Assista ao vídeo:



https://www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lpw&ab_channel=CanalCurta%21

Reconhecer que somos racistas, porque vivemos em uma sociedade racista, é um primeiro passo. Em seguida precisamos construir uma nova forma de olhar e tratar as pessoas negras na nossa sociedade, agindo com mais **respeito, carinho e empatia** nas relações interpessoais, ou seja, em perceber como eu reproduzo o racismo e o que posso fazer para mudar as minhas atitudes e irmos enquanto sociedade



promovendo a inclusão social gradativamente através de ações concretas. Como as ações afirmativas governamentais que foram implementadas com este fim.

Mas também devemos lembrar que, embora este seja um marcador forte, a experiência das pessoas negras não se sujeita somente aos aspectos negativos do racismo. Apesar dele, **as pessoas negras são sujeitos ativos na sociedade e trouxeram e trazem inúmeras contribuições** para os mais diversos campos do conhecimento.

No campo das artes, por exemplo, essa participação é inquestionável. Pense sobre os maiores cantores na nossa **Música Popular Brasileira** e veja quantos artistas negros aparecem? Gilberto Gil, Milton Nascimento, Elza Soares, Pixinguinha, Iza, Emicida, Jorge Ben Jor, a lista é imensa! Acontece também na **literatura**, afinal quem nunca ouviu falar em Machado de Assis?

Nas **práticas corporais**, você já parou para reparar quantos jogos e brincadeiras tem **influência africana**? E nos esportes, em quantos esportistas de destaque na nossa história são **negros e negras**? A Marta ganhou por seis vezes o título

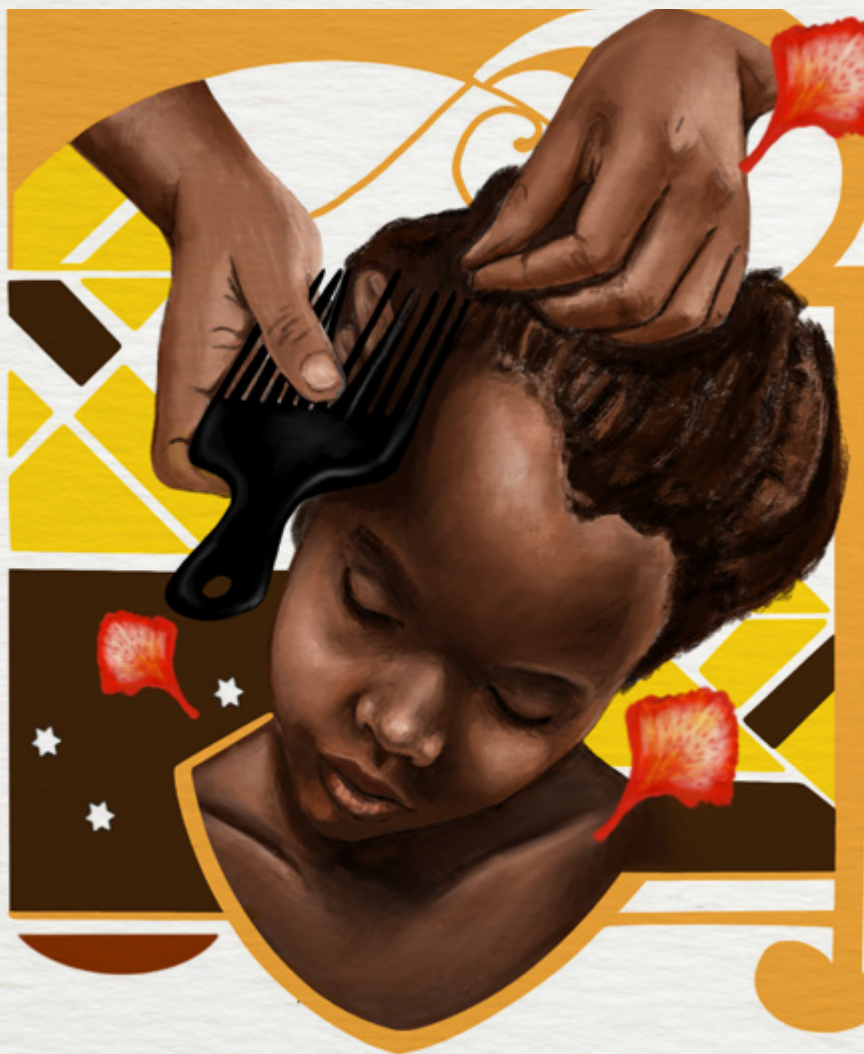


de maior jogadora de futebol do mundo, sendo cinco vezes consecutivas. **E na nossa alimentação você sabe quais foram as contribuições africanas na alimentação brasileira?**

Além de inspirar os educadores a trazerem **referências positivas sobre negritude**, apresentamos também algumas **reflexões pedagógicas** sobre como abordar essa temática em diferentes faixas etárias, de acordo com o desenvolvimento infantil e a maturidade das crianças e dos jovens para refletir sobre estas questões.



Como abordar esta temática em cada faixa etária



Na prática educativa a valorização e **reparo histórico** precisam ser vivenciadas como um exercício de todos para todos. Reconhecendo que fomos educados num contexto de **racismo estrutural**, numa visão fragmentada da vida, que nega o valor da diversidade humana e da natureza, sobrepõe e subjuga quem é diferente a determinado padrão há séculos.

Ter um padrão de beleza ou um caminho ideal de futuro ou um padrão de comportamento é a raiz destes problemas. Se olharmos para a natureza e para nós, podemos perceber que **a diversidade é o caminho da prosperidade da natureza** e com a nossa humanidade acontece o mesmo. No entanto, nascemos em uma sociedade que há séculos classifica e julga um padrão como certo, verdadeiro e belo. O racismo é uma destas formas de classificar e julgar que estrutura a nossa sociedade, ou seja, como um aspecto cultural enraizado, precisamos de uma ação consciente de nos olharmos e repensar atitudes, falas e julgamentos que são tidos como 'naturais'.

Deve partir de nós, **educadores/as** a coragem de reconhecer, identificar em si, padrões de



pensamento e comportamento que sejam **racistas, excludentes, hierarquizantes**. Será necessário ressignificar inúmeras vezes nossas atitudes e é exatamente esse empenho dos adultos que fortalecerá atitudes mais fraternas e empáticas entre as crianças e jovens na nossa sociedade.

A **educação integral** busca o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões, não só nos aspectos cognitivos, mas também emocionais, sociais, comunicacionais. E uma **educação** transformadora pode contribuir para promover mudanças significativas de consciência da humanidade, para problemas urgentes, como a necessidade da valorização da vida, o foco no bem viver sustentável, a valorização do sujeito e das suas comunidades, história, saberes, cultura, conquistas e suas dores. Quando educamos para a consciência crítica, podemos desenvolver a empatia e ações fraternas por livre decisão.

O desenvolvimento humano acontece de forma diferenciada, física e psicologicamente, ao longo da vida. Segundo Rudolf Steiner, esse processo de desenvolvimento pode ser agrupado de sete



em sete anos, os chamados “**setênios**”. Em cada fase existe uma série de habilidades que os sujeitos desenvolvem tanto física quanto emocionalmente, esta classificação ajuda os **educadores** a compreenderem quais são estas mudanças e o que eles podem estimular para que o crescimento aconteça da melhor maneira.

No primeiro **setênio**, no tempo da infância, as crianças estão na fase de experimentação do mundo pela bondade. Por isso, ela é plena entrega a seus cuidadores e aprendem pelo exemplo, numa imitação pura. É nesta etapa que elas estão formando os hábitos. O que não queremos que elas façam, nós não devemos fazer, pois elas imitam os gestos, as falas e as atitudes dos adultos ao seu redor. A criança, quando sofre ou presencia **racismo**, sente dor e vergonha, numa fase em que ela deveria vivenciar a bondade; por isso, a autoeducação do adulto é fundamental para evitar sofrimento.

Os **educadores** no Ensino Infantil podem oferecer uma riqueza de possibilidades para as crianças que valorizam a **cultura negra**, compondo com cores, decoração, brinquedos, brincadeiras, **bo-**



necas negras. Podemos fortalecer a empatia natural que vive na criança com histórias, **contos e fábulas africanas**, que tragam os valores, características e maneiras de ser diversas e da riqueza da humanidade como um todo.

Veja as nossas sugestões de livros e filmes nos cadernos seguintes para o Ensino Infantil.



Na etapa seguinte, no segundo **setênio**, de 7 aos 14 anos, que corresponde ao **Fundamental I** e os primeiros anos do **Fundamental II**, são as pessoas de referência que a criança irá basear o seu comportamento. Ou seja, naquela pessoa que representa uma autoridade e que nesta relação de respeito é amada. Nesta fase de formação ela está focada nos valores, cabendo a nós educadores e educadoras apresentar este mundo a partir do belo e do correto. No contexto escolar são os/as educadores/as que serão as referências das crianças sobre como ela compreende o mundo; portanto, devemos valorizar a diversidade, as diferenças, o brilho de cada um, o caminho da humanidade e a sabedoria coletiva que podemos acessar de todos os povos.



Na vivência dessas possibilidades e valores intrínsecos aos conhecimentos, podemos contar o caminho da humanidade através das civilizações, biografias de histórias de superação, jogos e brincadeiras mais elaborados, pesquisa de imagens das civilizações, suas comunidades e **saberes tradicionais** como: culinária, medicina, danças, músicas e suas datas comemorativas, numa nova forma de abordagem que envolva a valorização das diversidades.

Na nossa seleção de livros, música popular brasileira, filmes e personalidades negras você pode encontrar inspiração para a sala de aula.



No terceiro **setênio**, que ocorre de 14 a 21 anos, que corresponde aos últimos anos do **Fundamental II**, o **Ensino Médio e o Ensino Superior**, a abordagem tem a intenção de mostrar que o mundo é verdadeiro. O processo de desenvolvimento humano o leva agora a necessitar do aprendizado através da liberdade e do senso crítico. O jovem agora está preparado para aprofundar nos conflitos e possui força interior que deseja expandir no mundo. A maneira que nós podemos lidar com ela é através do diálogo,



do encontro, da troca de opiniões, onde cada um pode expor seus pensamentos e sentimentos, assim como ouvir sua voz no mundo.

A partir desta idade inicia um pensar mais autônomo, nessa época ocorre o amadurecimento para o julgamento. Neste sentido, nós educadores podemos apresentar as consequências negativas do **racismo**, podemos estimular as reflexões, sem esquecer das rodas de acolhimento, resgate de práticas e sabedorias, projetos de apoio às comunidades vulneráveis. Neste setênio o debate sobre as questões raciais tem o impulso para transformar a realidade.

A reflexão crítica chega neste momento ao jovem, pois ele já está fortalecido das experiências de que o mundo é bom (primeiro setênio), belo (segundo setênio) e agora ele tem força para lidar com a verdade, de fazer uma análise crítica e de lutar para que a vida seja boa e bela. Não é que não devemos abordar o racismo nos outros setênios, não devemos deixar de falar sobre nenhum assunto. Não é esta a proposta. **A verdade é necessária sempre.** O que estamos propondo é apenas uma inversão na lógica do



aprendizado sobre questões raciais que comumente é feito a partir da dor e da escravidão.

Na playlist de filmes e de música, você educador pode se inspirar e levar estas sugestões para a sala de aula. Veja também a seleção de livros para esta faixa etária.



Defendemos que é importante tratar das riquezas e belezas antes dos problemas, de promover empatia, de mostrar as contribuições da diáspora africana na nossa cultura, de trazer **referências positivas de negritude** e empoderamento das crianças negras, para depois falar sobre os problemas. Afinal de contas, como as crianças e os jovens podem sonhar um mundo melhor se não reconhecemos a beleza e a diversidade nele e só mostramos os aspectos ruins do preconceito? A educação tem o papel social não só de educar e informar, mas também de alimentar emocionalmente os **sonhos dos estudantes**, de boas expectativas ou perspectivas de vida; sem isso, eles se tornam vulneráveis.

Para que a vida faça sentido e nossas atitudes nos movam no mundo, é necessário cultivarmos



na educação **a beleza e o valor da vida** antes de abordá-lo na sua densidade e complexidade, especialmente quando lidamos com as crianças e adolescentes.



Sugestões de atividades para o Novembro Negro



Em busca de oferecer aos **educadores** subsídios para trabalharem com este componente curricular, apresentamos um compilado de contribuições da **diáspora africana na cultura brasileira**, uma seleção de filmes, músicas e vídeos para a formação dos educadores e que também podem ser utilizados em sala de aula e **sugestões de atividades.**

● **Pedir aos/as estudantes que pesquisem sobre:**

- Personalidades negras do município/região ;
- Descobertas feitas por pessoas negras;
- Estilos musicais iniciados por negros/as;
- Autores negros/as;
- Artistas negros/as;
- Influencers negros/as que eles acompanham nas redes sociais.

● **Solicitar que escolham pessoas negras que admiram e compartilhem com os/as colegas mais sobre sua história de vida e o que mais gosta nessa(s) pessoas.**

● **Usar poemas, textos, filmes e músicas de autores negros/as para reflexão, interpretação de texto, falar de território e outras propostas pedagógicas.**



- **Fazer concursos de dança (passinho, sussa, catira e outras expressões culturais da região).**
- **Fazer exposição de fotos ou desenhos de pessoas negras escolhidos pelos/as estudantes.**
- **Convidar pessoas negras que se destacam em suas áreas de atuação para uma conversa na escola.**
- **Pensar atividades que tragam os valores da cultura negra como resiliência, fraternidade, empatia e outros.**
- **Abrir espaço para que estudantes negros/as possam falar de como se sentem com brincadeiras de cunho racista e incentivar que os/as colegas demonstrem empatia dizendo frases como: “eu te escuto”, “sinto muito”, “te acolho”, “conte comigo”.**
- **Convidar os/as estudantes para pesquisar e preparar pratos típicos da culinária africana/quilombola/negra junto com a família.**
- **Falar sobre a diversidade de expressões religiosas de matriz africana existentes no Brasil e como elas foram se combinando com expressões locais em cada lugar que recebeu pessoas escravizadas.**
- **Pedir aos estudantes para observar no seu trajeto tradicional as diferentes condições sociais e de trabalho das pessoas brancas e de outras etnias e convidá-los/las a dizer como se sentiram com a experiência.**



- **Conversar sobre o que é privilégio branco e como isso se expressa no cotidiano desses estudantes.**
- **Trazar dados estatísticos sobre a situação atual do país e conversar sobre como isso afeta os diferentes grupos étnicos na prática.**
- **Discutir o conceito de interseccionalidade e como as categorias raça, classe e gênero dialogam e interferem na vida das pessoas, incluindo os/as próprios/as estudantes.**
- **Ao falar de escravidão:**
 - Falar do protagonismo negro no processo de abolição;
 - Quais as tecnologias trazidas pelos escravizados para o Brasil;
 - Como as pessoas negras se organizaram para comprar a liberdade uns/umas dos/das outros/as;
- **Ao falar de Racismo:**
 - Quais são os tipos de racismo?
 - Como o racismo estrutural se expressa na prática?
 - O que é racismo ambiental?
 - O que significa gentrificação? Como este processo esteve presente na história das pessoas negras no Brasil e como se dá na atualidade?
 - O que é lugar de fala?
 - O que podemos fazer por um mundo livre de racismo?



REFERÊNCIAS



DAVID, Emiliano de Camargo. GT Racismo e Saúde da Abrasco. **A saúde mental da população negra importa! Por que ainda precisamos afirmar?** 20 out 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/gtra-cismoesaude/2020/10/20/a-saude-mental-da-populacao-negra-importa-por-que-ainda-precisamos-afirmar-artigo-de-emiliano-de-camargo-david/>. Acesso em 22 ago 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** v.41, complemento 2. Rio de Janeiro, 2019.

INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. **Os efeitos psicossociais do racismo.** São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: 2017.

SANTOS, Diego Junior da Silva et al. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar.** Dental Press Journal of Orthodontics [online]. 2010, v. 15, n. 3, pp. 121-124. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-94512010000300015>. Acesso em 17 set 2021.



SANTOS, Gabriella da Cruz; RICCI, Éllen Cristina. **Saúde mental da população negra: relato de uma relação terapêutica entre sujeitos marcados pelo racismo.** *Revista de Psicologia da Unesp*. UNESP, Assis, v. 19, n. spe, p. 220-241, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442020000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 ago 2021.

PONCHIROLLI, Rafaela. **Lugar de fala, o que este termo significa?** Politize. Publicado em 5 agosto 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-lugar-de-fala/>. Acesso em 20 set 2021.



História e **Cultura Afro-Brasileira** é componente curricular obrigatório das escolas brasileiras e a abordagem sobre as questões raciais também faz parte do currículo. Mas como podemos abordar este assunto? A partir das experiências educativas do Projeto **Ipeartes-Seduc** propomos uma abordagem desta temática a partir da valorização das contribuições das pessoas negras na nossa história, ciência, arte e cultura. Este Caderno busca oferecer um apoio pedagógico para que os educadores e educadoras desenvolvam suas atividades no espaço escolar de acordo com a faixa etária dos estudantes e da cultura local.

